

## A MOÇA DA SAPIRANGA

ERA TÃO AGRADÁVEL aquele sombrio socavão ao pé da serra da Tucunduba que me deixei ficar sentado numa pedra muito tempo. Um riacho claro cantava nos seixos e as nódoas do sol, cujos raios atravessavam esparsos a ramaria do arvoredado, brilhavam sobre a alcatifa de folhas secas que cobria a terra, ou se perdiam na azulada transparência da água. Uma ou outra dessas nódoas como que boiava na correnteza. No fio de luz que descia por entre a folhagem densa dos maiores galhos duma janaguba, esvoaçavam, zumbindo, abelhas mandaçaias. E na copa das umarizeiras cantavam, de quando a quando, os bentevis-gamelas.

Ali estava tão fresco, tão bom, após a travessia que fizéramos, cortando em diagonal o vale do rio Ceará, desde a fazenda da Jan-dragoeira, que não tínhamos mais coragem de continuar a viagem interrompida. O Maneco Alves, com quem eu ia subir a serra até a casa do Xico Veado, aninhada ao meio de altos jítós, para negociar um comboio de bananas, acendera o cachimbo de raiz<sup>8</sup> e estendera-se ao pé dum pega-roupa esgalhado, espreguiçando-se. Nossos cavalos dessedentados cochilavam à sombra. Cheguei mesmo a falar em um laço para pegar camarões no riacho. Devia haver muitos, entre as pedras. O Maneco deu um muxoxo e disse:

— Deixe-se de estórias, homem de Deus! Vamos demorar dois dias lá em cima, no Veado, e teremos tempo de sobra para pegar camarões na levada do sítio, que é uma beleza! Olha, criatura: não tem camarão-canela, como esta aqui que já desce para o sertão, mas

---

<sup>8</sup> Não vimos respeitando a grafia de G. B. — *Caximbo*, apesar do pressuposto da intenção sua de manter na palavra brasileira o *x* do original, da *língua* quimbundo: *quixima*. O mesmo com relação a *coxilar*, que é de idêntica origem. Preferimos ficar com a moderna grafia da palavra.

a gente se farta de camarões grandes da serra, que são melhores, cada aratanha, cada pituaçu deste tamanho!

Sorri e continuei, imóvel, a gozar daquela frescura tão boa. Tínhamos que subir a serra e sentíamos, além das árvores, a refulgente luminosidade da vasta planície sertaneja, por onde passáramos, eternamente queimada pela soalheira. Era no mês de outubro e, apesar de ter sido ótimo o inverno, já se não viam, pelo sertão todo, folhas verdes, senão nas canafístulas e jeremataias, nas oiticicas e juazeiros.

Fazendo um esforço para dominar a preguiça, ia eu dizer ao Maneco que era o momento de seguir viagem, pois o sol descambava muito, quando ele se pôs de pé, rapidamente, limpando as calças de brim listado e as perneiras de sola, com pancadas bruscas do chapéu de couro.

— Que foi? hein, que foi?

— Nada. Sentei-me aqui sem reparar, juntinho duma casa de mombucas, e os diabos das abelhas já me estavam subindo pela roupa.

— Bicho medroso!

— Medroso o quê! Não quero negócios com abelhas de fogo e de ferrão. Olha, criatura, gosto muito de mel, mas cortiço de tataíra, inxu, inxuí, capuxu, sanharão, boca-torta, cobatão e maribondo-de-chapéu nem à mão de Deus Padre vou tirar! Vou lá o quê!

Montamos a cavalo e saudosamente deixamos aquele delicioso recanto. Os animais caminhavam a passo, muito unidos, pela torcicolosa e estreita subida da Tucunduba. Dum lado e de outro, cercas altas de arame farpado, de cinco fios, limitando os bananeirais viçosos, os velhos cafezais tristes. A tarde caía. Voltando-nos sobre as selas, avistamos o sertão imenso, ainda doirado pelo sol e todo emoldurado de serranias.

Numa curva brusca do caminho, surgiu à nossa frente uma cabocla clara, de olhos rasgados e pestanudos. Trazia à cabeça, sobre a rodilha de folhas de bananeira, um pote de água e segurava-o com as mãos, arqueando os braços, o que lhe dava, a certa distância, um aspecto de grande ânfora clássica. Era moça, sadia e fresca como a serra majestosa. A pele, levemente tostada, tinha tons de ouro. O cabeção da camisa, pobre de rendas, mal lhe tapava os seios virgens, pequeninos, redondos e duros como limões doces. Ergueu para nós a face pura e singela, com uma indefinível graça natural, e murmurou:

— Boa tarde, “seus” moços.

O Maneco respondeu-lhe à saudação no mesmo tom. Eu quis dizer uma brincadeira qualquer sobre a tentação daqueles seios e daquela carne rija entrevista pelos rasgões da saia de chita, mas o meu companheiro tapou-me a boca com a mão calosa.

Adiante, sozinhos estranhei-lhe o gesto. Que mal faziam duas palavras amáveis na estrada deserta? Toda mulher gosta de sentir que impressionou um homem, gosta que se apregoem seus encantos. O Maneco ouviu-me e abalou a cabeça, sorrindo:

— Olha, criatura, na cidade, pode ser; no sertão, não.

Aí quem abalou com a cabeça e sorriu fui eu.

— Tanto faz no sertão como na cidade. A mulher é sempre a mesma em toda a parte.

— Lá isso não é não. Olha, criatura, vou contar-te uma história de verdade e por causa dela foi que te tapei a boca, que é lugar por onde o homem morre mais que o peixe. Não gosto de ver suceder desgraça pelo caminho a companheiro meu. . .

Sumira-se o sol além da serra do Camará, no rumo do Boqueirão da Arara. O Maneco afrouxou mais as rédeas no pescoço do cavalo, porque a subida se tornava íngreme, e narrou-me o caso. Fiz o mesmo com as rédeas do meu e escutei-o sem o interromper, de cabo a rabo.

— Olha, criatura, foi no sertão dos Orós que a história aconteceu. Eu andava por esse fim de mundo, em negócios de gado, mais o meu compadre João Balbino, que foi quem situou<sup>9</sup> a grande fazenda do Trapiá. Era homem alegre e folgazão, entrado já na casa dos quarenta, doidinho por um rabo-de-saia, capaz de fazer tudo por causa de mulher e viciado em dizer coisas a todas as cunhãs que encontrava. Uma tarde, indo comigo de viagem, topou no caminho com a filha dum capador de gado que mora ali perto e a gente conhecia de vista. Não era uma cabocla bonita como essa serrana que acabamos de ver. Era lá o quê! Era feia de verdade e tinha sapiranga nos olhos. Mas voltava do açude com o pote de água no ombro, o vestido velho todo rasgado e todo molhado. Os peitos empinados levantavam a fazenda puída da blusa e a gente sentia as pontinhas deles tremendo, quando ela andava. As únicas coisas que aquela diaba tinha de bonito eram esses dois diabinhos! Meu compadre João Balbino ficou todo “laméxa”. “Voutes”! Homem danado por um rabo-de-saia! Deus Nosso Senhor lhe fale na alma! Ficou todo assanhado como cupira, quando a gente mete a enxada nas casas de cupim em que fizeram ninho. Espiou, babando-se, para o seio da cunhã sapiranguenta. Ela puxou a blusa descaída, concertou o cabeção, escondeu os bichinhos e, olhando fito para ele, com uma cara zangada de onça, perguntou:

— Que é que você quer, “seu” malcriado?

---

<sup>9</sup> É verbo ainda em voga nos sertões. Segundo Tomé Cabral, em seu *Dicionário de Termos e Expressões Populares*: “deixar em estado de segurança as culturas permanentes ou as que produzem em um ou mais anos consecutivos”.

João Balbino, em lugar de ficar calado, respondeu:

— Quero me espetar no bico dos teus peitos, beleza!

Olha, criatura, a moça da sapiranga, ficou branca que nem o oitão lá de casa, parou no meio da estrada, bateu com o pé, enfezada, e repetiu três vezes:

— Se eu fosse homem, você se espetava, mas era na ponta duma faca!

João Balbino largou uma risada e seguimos nossa viagem para os Orós. Passaram-se muitos dias, fizemos nosso negócio e, de volta, nos arranchamos à tardinha, perto da casa do tal capador, debaixo de grande juazeiro. Logo que o sol se pôs, acendemos uma fogueira e armamos as redes. Fumamos e conversamos um bom pedaço. A noite era de luar e, lembro-me bem, como se fosse hoje, as raposas andavam numa vadiação danada! Pegamos no sono com o Setestrela bem alto. De manhãzinha, quando o sol foi botando a cabeça de fora, acordei e chamei o compadre. Não respondeu. Cuidei que estivesse ferrado no sono, embora não ressonasse. Fiz fogo e coei café. Fui dar-lhe um pouco, na rede, e a panela caiu-me das mãos. O pobre João Balbino estava morto, quase sem manchas de sangue, com um sovelão de coser sacos de couro enfiado todinho no coração! Todo o tempo que levei carregando o corpo dele, atravessado na sela, até o povoado, lembrei-me da moça dos olhos de sapiranga e peitos empinados, que gritava, furiosa, no meio da estrada:

— Se eu fosse homem, você se espetava, mas era na ponta duma faca!

Pensei mais, que agulha de coser camisola ou de coser surrão, pequenina, ou grande, é mais arma de mulher do que de homem... Ninguém me tira da cabeça que foi essa diaba a assassina do meu compadre e por isso não gosto que companheiro meu mexa com mulher que não conheça, pelas estradas.

O Maneco calou-se e esporeou o cavalo, que preguiçava. Eu não disse mais uma palavra até apear no pátio da casa do Xico Veado, que nos esperava diante do alpendre, impaciente, balançando na noite escura um grande lampião de querosene.